

NOVOS REGISTROS DE BIGNONIEAE (BIGNONIACEAE) PARA O ESTADO DE PERNAMBUCO

Swami Leitão Costa¹; Deibson Pereira Belo¹; Livia Gomes Cardoso¹; Maria Teresa Buriil¹.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Recife, PE, Brasil.

Email: <swamilcosta@gmail.com>; <deibson.belo@yahoo.com.br>; <liligomcard@gmail.com>;
<mtburil@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

Bignoniaceae é composta por cerca de 830 espécies distribuídas em 82 gêneros com distribuição predominantemente neotropical, com raros representantes pelas regiões temperadas da América do Norte e África (LOHMANN; ULLOA, 2006 continuously updated).

Seus representantes são importantes componentes das florestas neotropicais (OLMSTEAD et al., 2009) e ocorrem com mais frequência em habitats úmidos, no interior das florestas, mas também associadas a florestas secas, florestas de planícies, regiões montanhosas e afloramentos rochosos (LOHMANN, 2004), sendo o Brasil, o principal centro de diversidade da família apresentando 33 gêneros e 412 espécies, com muitos táxons endêmicos (dois gêneros e 199 espécies).

Tradicionalmente, a família estava inserida na ordem Scrophulariales (CRONQUIST 1981), estando alocada em Lamiales com base nas classificações mais recentes (APG IV, 2016). Estudos filogenéticos dividem atualmente a família Bignoniaceae em oito grandes clados (OLMSTEAD et al., 2009): Aliança *Tabebuia*, Bignonieae, Catalpeae, Clado Paleotropical, Jacarandae, Oroxyleae, Tecomeae e Turretieae.

Nesse contexto, se sobressai a tribo Bignonieae, grupo Neotropical que inclui 393 espécies e 21 gêneros (LOHMANN; TAYLOR, 2014), ou seja, quase metade das espécies pertencentes à família (OLMSTEAD et al., 2009), composta por espécies arbustivas e lianas, estas em grande maioria.

A região semiárida brasileira abrange mais de 20% dos municípios brasileiros (1.135) e abriga 11,84% da população do país (ASA, 2016) e é determinada por apresentar precipitação média anual inferior a 800 mm, risco de seca superior a 60% e índice de aridez de até 0,5 (BRASIL,

2007). A maior parte do semiárido situa-se na região Nordeste e também abrange a parte setentrional de Minas Gerais, ocupando quase 18% do território nacional (ASA, 2016).

O semiárido, sobretudo o nordestino, tem sido alvo de extensa degradação, estimando-se que 500 mil hectares de caatinga sejam explorados para uso das indústrias mineradoras, extração de lenha, carvão vegetal e usos domésticos, o que tem agravado a deterioração dos recursos da região e elevado os riscos de desertificação (ARAÚJO, 2011).

Considerando-se a representatividade taxonômica de Bignoniaceae aliada a sua importância econômica e ecológica e, paralelamente, à escassez de estudos no semiárido brasileiro, é de fundamental importância o desenvolvimento de estudos taxonômicos nessa região. Através da execução do estudo taxonômico de Bignoniaceae em Pernambuco, foram encontrados quatro novos registros da família para a flora do Estado.

METODOLOGIA

Área de estudo – O estado de Pernambuco, com 98.311 Km² de área superficial, situa-se entre as coordenadas 7°15'45" e 9°28'18"S e 34° 48' 35" e 41° 19' 54"W, localiza-se no centro-leste da região Nordeste, sendo limitado ao Sul pelos os estados de Alagoas, Bahia; ao Norte pelo Ceará, Paraíba e ao Oeste pelo Piauí. O estado possui clima, solos e fitofisionomias heterogêneas, embora o clima semiárido com vegetação de caatinga seja a predominante e ocupe cerca de 80% do Estado. (ANDRADE-LIMA, 1960).

Procedimentos – Foram realizadas expedições em alguns municípios pernambucanos para coleta de espécimes férteis (com flores e/ou frutos), no período de março a setembro de 2017, além de visitas aos herbários PEUFR, HST, HESBRA, EAC e RB para a análise de exsicatas da tribo Bignonieae provenientes de Pernambuco e incorporadas em suas coleções.

As amostras coletadas foram prensadas e flores e frutos foram estocados em álcool a 70% e folhas armazenadas em sílica para futuros estudos. O processo de coleta e herborização foi fundamentado nas técnicas convencionais para estudos taxonômicos (BRIDSON; FORMAN, 1998) e os materiais foram depositados no herbário PEUFR. A identificação das espécies foi realizada com base em comparações com espécies previamente identificadas por especialistas, materiais *Typus* e a partir de literaturas especializadas, além de consultas às coleções online do Herbário Virtual REFLORA, Missouri Botanical Garden (MO) e The New York Botanical Garden (NY).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados quatro novos registros de Bignoniaceae, todos pertencentes à tribo Bignonieae: *Adenocalymma hypostictum*, *Adenocalymma coriaceum*, *Anemopaegma velutinum* e *Cuspidaria convoluta*. As espécies foram encontradas em fitofisionomias de caatinga e em florestas secas e úmidas.

Adenocalymma hypostictum Bureau & K.Schum., Fl. bras., 8(2): 99, 1896.

Distribuição: É endêmica do Brasil, sendo encontrada apenas nos estados da Bahia e Minas Gerais (LOHMANN, 2015) e em Pernambuco, foi registrada pela primeira vez.

Floração: Encontrada florida de março a setembro.

Comentários: *Adenocalymma hypostictum* pode ser reconhecida pelo cálice campanulado com glândulas de néctar discoides, pelas bractéolas cimbiformes e corola glabra.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: Igarassu, Usina São José, 03-IV-2013, fl., A.M. Miranda & R. Barros 6677 (HST 20104); 12-III-2003, fl., A. Melquíades & G.J. Bezerra 73 (PEUFR 44221).

Adenocalymma coriaceum A.DC., Prodr., 9:202, 1845.

Distribuição: *Adenocalymma coriaceum* é endêmica do Brasil, e estava registrada apenas nos estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (LOHMANN, 2015), e em Pernambuco foi encontrada pela primeira vez na região metropolitana de Recife.

Floração: Encontrada florida no mês de junho.

Comentários: Pode ser reconhecida pela corola pubérula e pelo ovário lepidoto com tricomas ao redor das glândulas de néctar.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: Camaragibe, Estrada para Aldeia, 19-VI-1950, fl., C.G. Leal & O.A. Silva 112 (RB 70950).

Anemopaegma velutinum Mart. ex DC., Prodr., 9: 189, 1845.

Distribuição: *Adenocalymma velutinum* é endêmica do Brasil, e era referida apenas para os estados da Bahia, Piauí e Minas Gerais (LOHMANN, 2015). Em Pernambuco, representa um novo registro para o estado.

Floração: Encontrada florida em novembro.

Comentários: Esta espécie pode ser reconhecida pelos ramos, folhas, inflorescências e flores densamente velutinos, gavinhas trífidas e prófilos cimbiformes.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: Ibimirim, Cariris, 21-XI-2986, fl., Margareth, Luísa, Mari s.n. (PEUFR 8648).

Cuspidaria convoluta (Vell.) A.H. Gentry, Taxon, 24:343, 1975.

Distribuição: É encontrada em florestas secas e úmidas do México até Argentina (LOHMANN; TAYLOR, 2014). No Brasil estava citada para os estados de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (LOHMANN, 2015). Na área de estudo foi registrada pela primeira vez.

Floração: Encontrada florida em novembro.

Comentários: Pode ser reconhecida pelas inflorescências axilares, pelas lascínias compridas e apiculadas do cálice e pela corola lilás com tubo branco e estrias lilases.

Material examinado: BRASIL. PERNAMBUCO: Tacaratu, 29-XI-1996, fl., A.M. Miranda, M.F. Pires, L. Oliveira 2522 (RB 578159).

CONCLUSÕES

Estudos taxonômicos enfocando o estado de Pernambuco vêm revelando novos registros e novas espécies para sua flora; o que reforça a importância da execução deste tipo de abordagem, especialmente no que concerne à região semiárida, ampliando o conhecimento sobre a diversidade e distribuição geográfica dos representantes da flora do estado e reforçando a importância da implantação de políticas públicas voltadas à conservação dos centros de diversidade do semiárido, com destaque às quase ameaçadas e/ou em risco de extinção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE-LIMA, D. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. **Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas**, n. 5, p. 305-341, 1960.

APG IV – ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**, London, v. 181, p. 1-20, 2016.

- ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (ASA). **Semiárido**. Recife, 2016. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/semiarido>>. Acesso em: 26 Set. 2016.
- ARAÚJO, S. M. S. A região semiárida do Nordeste do Brasil: Questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos. **Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE**, Campina Grande, v. 5, p. 1-10, 2011.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Brasília, 35 p., 2007.
- BRIDSON, D.; FORMANN, L. **The herbarium handbook**. 3. ed. Kew: Royal Botanic Gardens, 1998.
- CRONQUIST, A. **An Integrated System of Classification of Flowering Plants**. New York: Columbia University Press, 1981.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Áreas Especiais – Cadastro de Municípios localizados na Região Semiárida do Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/semiarido.shtm?c=4>>. Acesso em: 26 set. 2016.
- LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: **Flowering Plants of the Neotropics** (N. Smith, S.A. Mori, A. Henderson, D.Wm. Stevenson, S.V. Heald, eds.). Princeton: Princeton University Press, p. 51-53, 2004.
- LOHMANN, L. G.; TAYLOR, C. M. A New Generic Classification of Tribe Bignoniaceae (Bignoniaceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden**, Saint Louis, v. 99, n.3, p. 348-489, 2014.
- LOHMANN L.G.; ULLOA ULLOA C. **Bignoniaceae in iPlants prototype Checklist**, 2006 (continuously update) Disponível em: <<http://www.iplants.org/>>; Acessado em: 19 Mai 2016.
- OLMSTEAD, R. G. et al. A Molecular Phylogeny and Classification of Bignoniaceae. **American Journal of Botany**, Columbus, v. 96, p. 1907-1921, 2009.